

PERCEPÇÃO, PAISAGEM E LINGUAGEM EM MERLEAU-PONTY

Iraquitán de Oliveira Caminha¹

Resumo

Nosso texto se propõe examinar a crítica que Merleau-Ponty dirige à experiência perceptiva guiada por uma visão objetivista que acredita na possibilidade de isolar absolutamente uma coisa percebida como unidade apartada da paisagem perceptiva em que o corpo habita. Nesse sentido, buscaremos mostrar como Merleau-Ponty considera que perceber exige sempre um horizonte de paisagem em que o corpo está situado e não um sujeito que percebe coisas transparentes desprovidas de mundo. Não há percepção sem paisagens que possam revelar as aparências das coisas percebidas. Com base nessa perspectiva, consideraremos as relações entre percepção e linguagem para mostrar que a linguagem não é apenas uma operação nominativa que cria uma palavra para representar determinadas coisas do mundo. Ela é antes de tudo gesto criativo do corpo que transfere toda sua gestualidade para o mundo com base em seus atos perceptivos. Concebida como gesto criativo do corpo, a linguagem revela o sentido de expressividade do mundo percebido como inacabamento do fluxo das aparências das coisas.

Palavras-Chaves: Percepção. Paisagem. Linguagem.

Abstract

Our text proposes to examine the criticism that Merleau-Ponty directs the perceptive experience guided by an Objectivist view that believes in the possibility of isolating absolutely something perceived as unit severed of the perceptual landscape in the body inhabits. Accordingly, we will seek to show how Merleau-Ponty finds that the perception always requires a landscape horizon in which the body is set and not a subject who realizes transparent things devoid of world. There is no perception without landscapes that can reveal the appearances of things perceived. Based on this perspective, we will consider the relationship between perception and language to show that language is not just a word operation that creates a Word to represent certain things in the world. She is first and foremost a creative gesture of the body that transfers all your gestures to the world based on their perceptual acts. Conceived as a creative gesture of the body, the language reveals the sense of expressiveness of the world perceived as not fishing of the stream of 'things' appearances.

Keywords: Perception. Landscape. Language.

A experiência perceptiva guiada por uma visão objetivista acredita que seja possível isolar absolutamente uma coisa percebida como unidade apartada da paisagem perceptiva em que o corpo habita. Merleau-Ponty, trilhando pelos caminhos fenomenológicos, considera que perceber exige sempre um horizonte de paisagem em que o corpo está situado e não um sujeito que percebe coisas

¹ Graduado em Educação Física pela Universidade Federal da Paraíba (1988). Graduado em Psicologia pelos Institutos Paraibanos de Educação (1990). Graduado em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (1995). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (1996). Doutor em Filosofia pela Université Catholique de Louvain (2001). Atualmente, é professor-pesquisador do Departamento de Educação Física, do Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Estadual de Pernambuco/Universidade Federal da Paraíba e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba. Autor do livro *O distante-próximo e o próximo-distante: corpo e percepção na filosofia de Merleau-Ponty* (Editora da UFPB, 2010) e de vários artigos e capítulos de livros sobre Corpo, Educação, Psicanálise e Filosofia (E-mail: iraqui@uol.com.br ou caminhairaquitan@gmail.com).

transparentes desprovidas de mundo. Não há percepção sem paisagens que possam revelar as aparências das coisas percebidas.

A visão objetivista alimenta-se de um determinismo positivo que defende a tese da possibilidade de alcançar coisas percebidas em sua total transparência. No fundo, essa visão advoga certa concepção de espaço, fundada na perspectiva de uma constituição atomista das paisagens do mundo, que Merleau-Ponty radicalmente pretende questionar. Para ele, tudo o que é percebido diretamente pelo corpo é portador de uma espécie de fisionomia, que se faz perceptível enquanto manifestação de uma paisagem cuja espacialidade nunca está fragmentada.

Seguindo os passos de Merleau-Ponty, compreendemos a paisagem “como uma janela que nos abre sobre um espaço primordial em que estamos situados – um lugar através do qual nossa relação com a visibilidade do mundo nunca está reduzida ao encontro passivo como a exibição de uma tela totalmente exterior ao nosso olhar” (CAMINHA, 2010, p. 204). É com base nessa compreensão, que pretendemos examinar o problema do aparecimento fisionômico do fenômeno perceptivo para mostrar a paisagem como a constituição da atmosfera perceptiva. É essa atmosfera que oferta ao percebido o poder de aparecer como a expressão de uma totalidade viva.

Toda vez que dizemos que estamos percebendo um conjunto de flores num jardim ou um conjunto de livros numa prateleira de uma biblioteca, isso não significa que comunicamos simplesmente uma informação sobre significados acerca do mundo perceptivo sem a presença de uma aparência que se faz visível sob nossos olhos. Nesse sentido, o aparecer das formas percebidas tem uma dimensão expressiva ou gestual que não é desprovida de um aparecimento sensível de natureza presencial. Perceber não se reduz a um ato representativo, mas relação com o que aparece de maneira presencial.

Pela percepção, podemos constatar que há um mundo percebido pressuposto em toda denominação dada pela linguagem na ordem da fala ou da escrita. Portanto, a partir de Merleau-Ponty, para que algo seja perceptível, é necessário que toda forma percebida torne-se presente numa paisagem. Segue-se dessa compreensão que o sentido mesmo da coisa percebida é construído sob nossos olhos sem apelo a uma análise verbal que pretenda esgotar o sentido presencial da percepção (MERLEAU-PONTY, 1992).

Reconhecer que o próprio aparecer tem uma significação gestual de natureza pré-linguística não significa recusar o papel eminente da linguagem como meio indispensável para designar ou nomear aquilo que percebemos. A linguagem permite nomearmos as coisas percebidas para instaurar uma comunicação com o outro. Nesse sentido, é impossível negar que aquilo que se mostra a nós pode ser medido pelo que podemos dizer ou escrever sobre ele. Todavia, nosso objetivo é de mostrar que o percebido não se reveste da linguagem como de uma roupa emprestada para realizar o

movimento de se fazer visivelmente presente ao campo de nosso olhar sem a pluralidade de modos de aparecer, que denominamos aqui de “expressividade” do mundo percebido.

A linguagem não é apenas uma operação nominativa que cria uma palavra para representar determinadas coisas do mundo. A linguagem é antes de tudo gesto criativo do corpo que transfere toda sua gestualidade para o mundo com base em seus atos perceptivos. A linguagem concebida como gesto criativo do corpo revela o sentido de expressividade do mundo percebido como inacabamento do fluxo das aparências das coisas. Nesse sentido, a linguagem que simplesmente nomeia apenas nos distancia do mundo no lugar de revelar seu inacabamento perceptivo (FONTAINE-DE VISSCHER, 1974).

É bem verdade que Merleau-Ponty não concebe a existência de uma distância entre um fenômeno do mundo percebido e um fenômeno de linguagem. Fenômenos perceptivos e linguísticos se entrelaçam. Todavia, mesmo que nós consideremos especificamente o sentido da linguagem, ele nunca se reduzirá a um sentido exclusivamente linguajar. Merleau-Ponty se propõe pensar sobre o sentido originário da linguagem enquanto ato de um corpo que fala situado dinamicamente nas paisagens do mundo perceptivo. Nesse contexto, os sinais linguísticos não são sinais de uma língua hipostasiada pelos linguistas, mas sinais na fluidez dos fenômenos de linguagem produzidos pelo corpo (RICHIR, 1989a).

A linguagem não é uma construção mecânica desprovida das elaborações criativas do corpo enquanto sujeito falante. É nesse contexto que Merleau-Ponty (1991) não cessa de combater a ideia da filosofia como um léxico que recolhe um conjunto de significações estáveis para definir precisamente aquilo que vemos. Do mesmo que a filosofia não está procurando um substituto verbal para o mundo que efetivamente percebemos, a linguagem não é uma estrutura categorial desprovida de um corpo falante, situado permanentemente no mundo perceptivo.

O fato de admitirmos que a percepção não possa ser realizada para além da linguagem não significa dizer que ela consolide, de uma maneira isolada, nossa experiência de pôr-se a perceber do corpo como meio de acesso ao mundo percebido, originalmente como presença e não representação.

Segundo Merleau-Ponty (1992, p. 150-151), “quando eu me desloco em minha casa, eu sei imediatamente e sem nenhum discurso que caminhar para o banheiro significa passar perto do quarto, que olhar a janela significa ter a lareira a minha esquerda”. Nesse caso, nós não precisamos de um discurso que forneceria ao sujeito que percebe um quadro conceitual que lhe permitiria perceber precisamente algo. Logo, a linguagem nunca esgota o movimento daquilo que nós percebemos como coisas percebidas incorporadas à paisagem perceptiva. A paisagem revela o sentido de profundidade e de pertença radical ao mundo percebido e vivido intensamente pelo corpo.

Mesmo que com Merleau-Ponty (1991) afirmemos que a filosofia é ela mesma linguagem, ela é perpetuamente renovada pela adesão silenciosa que temos com o mundo por meio daquilo que ele chama de fé perceptiva. A experiência perceptiva, que nos leva a uma crença não justificada, é uma verdade do mundo sensível em sua forma bruta ou selvagem. Para Merleau-Ponty, o erro das filosofias semânticas é o de engessar a linguagem como se ela só falasse de si: ao contrário, a linguagem vive do silêncio do mundo percebido que nunca se aparta de nós.

Merleau-Ponty (1992) considera a linguagem do ponto de vista da “fala falada” e “fala falante”. A primeira se refere à linguagem já instituída que oferece um ambiente já sedimentado de linguagem a todo sujeito falante. A segunda diz respeito ao ato criativo e renovador da linguagem. Na fala não usamos apenas significações já disponível. Quando desejamos nos expressar, usamos a linguagem já instituída para reinventar a linguagem herdada.

É no campo da linguagem enquanto fala falante que identificamos o entrelaçamento entre o percepção e linguagem enquanto ato expressivo carregado de criatividade. Logo, “A fala falante não é nada senão a que se procura procurando, ao mesmo tempo, dizer algo que ela não sabe de antemão, mas que é imputada ‘reconhecer’ ao longo de seu desdobramento” (RICHIR, 1989b, p. 8). Está no gesto expressivo a gênese da fala falante e o quiasma entre o que se percebe e o que se fala. Esse quiasma não precisa ser traduzido em significações claramente designadas, tendo em vista que ela faz aflorar a relação originária que temos com o mundo percebido pelo nosso corpo.

A linguagem é derivada de um modo de ser no mundo vivido originalmente pelo corpo nos atos perceptivos. Nesse sentido, não só o corpo ganha força expressiva, mas o próprio mundo. Assim como a percepção, a linguagem é sempre uma prática já realizada por nosso corpo enquanto ser no mundo.

A única maneira de dizer a própria experiência de perceber é tentar reinstaurar, na descrição dessa experiência, o próprio movimento de instauração do perceber e do dizer. Isso significa que a percepção é uma experiência que encontra seu sentido apenas pela maneira mesma segundo a qual nós percebemos e dizemos o mundo. Aqui nasce uma circularidade entre percepção e linguagem que se revela no próprio corpo enquanto sujeito falante e no mundo enquanto paisagens.

Em lugar de fazer da linguagem um sistema de sinais fechado sobre si mesmo, Merleau-Ponty (1993) propõe tratá-la como a experiência da intervenção da fala que, na sua operação de ser fala, já está à obra nos enunciados mudos da fé perceptiva que nos dá a certeza ingênua de existir enquanto ser no mundo. Segundo Kono (1992, p. 121), “A linguagem não é para representar um mundo já feito nem para impor sua categoria a uma multiplicidade caótica de sensações, mas para realizar e acelerar a articulação do mundo, que já começou na percepção silenciosa”.

A filosofia de Merleau-Ponty não deseja encontrar um invariante da linguagem ou de uma essência lexical, mas um invariante do silêncio ou de uma estrutura, que é a articulação onde se entrecruzam as múltiplas experiências perceptivas vividas no mundo. Portanto, se não há experiência sem fala, o sentido primeiro da fala está no texto da experiência silenciosa da fé perceptiva que ela tenta proferir.

Se nós retornarmos agora ao nosso exemplo da percepção de um conjunto de flores num jardim ou de um conjunto de livros numa prateleira de uma biblioteca, de acordo com a perspectiva de Merleau-Ponty, que considera nosso olhar como sempre já condenado a ser no mundo, compreenderemos que o corpo não vê diretamente nem isoladamente as flores ou os livros, já que flores e livros somente se fazem visíveis ao corpo por meio da paisagem onde estão situados. No interior de nosso campo perceptivo, aquilo que possibilita diferentes manifestações de paisagens sob nossos olhos segue a seguinte exigência: “nossa percepção inteira é animada por uma lógica que atribui a cada objeto todas as suas determinações em função daquelas dos outros” (MERLEAU-PONTY, 1992, p. 361).

As flores e os livros não podem ser vistos como objetos fixos percebidos frontalmente, mas como manifestações visíveis percebidas lateralmente, em função da profundidade que a percepção revela no entrelaçamento corpo-mundo. Isso significa dizer que as flores e os livros não são objetos inertes, percebidos como realidades totalmente isoladas diante de nós, mas fenômenos que jorram como uma espécie de fisionomia, cujo surgimento é animado pela atmosfera da paisagem que o olhar pode dinamicamente percorrer.

Com base na compreensão de que toda percepção é fruto da experiência de que o corpo habita as paisagens de onde as coisas percebidas emergem, podemos encontrar o ancoradouro experiencial para afirmar o caráter expressivo do mundo percebido. Curiosamente, não somente o corpo, mas também as coisas percebidas possuem expressividade. Ora, é justamente uma espécie de jorramento fisionômico que determina o porvir visível do percebido como expressão de uma paisagem. Nesse sentido, nós evocamos o problema da linguagem em Merleau-Ponty para mostrar que o movimento de se tornar perceptível tem uma força expressiva que não é simplesmente limitada à nossa capacidade de exprimir o que vemos por meio do uso da linguagem.

A palavra não é simplesmente um signo que representa uma coisa do mundo percebido. Do mesmo modo o ato de perceber não se reduz a representar mentalmente algo percebido em sua determinação positiva. A linguagem e a percepção do mundo ganham em Merleau-Ponty a plasticidade de modalidades existenciais que nunca esgotam sua gestualidade fenomênica.

Perceber e falar não são simplesmente atos de discriminar as coisas do mundo por um processo mecânico e automático em terceira pessoa ou puramente mental em primeira pessoa.

Perceber e falar são primordialmente gestos criativos de um corpo que habita o mundo de onde se realiza atos perceptivos e falantes. A percepção, que não se reduz à realização de atos de circunscrever objetos transparentes do mundo na medida em que tudo aquilo que aparece se faz perceptível por meio de paisagens, realiza uma motricidade exploratória que gera expressividade enquanto gesto derivado do entrelaçamento corpo-mundo. Nesse sentido, não é apenas o corpo que é considerado expressividade, mas também o próprio mundo perceptível é expressividade enquanto fluxo fenomênico.

Compreendemos que a riqueza da fala falante está intimamente relacionada com a percepção permanentemente renovada enquanto abertura para o mundo. A diferença entre fala falada e fala falante pressupõe a diferença entre a percepção momentaneamente realizada e a percepção em constante realização. A percepção instaura originalmente nossa abertura para o mundo que se continua na linguagem enquanto operação criadora de significados e não apenas reveladora de significados já sedimentados.

O parentesco entre percepção e linguagem em seu sentido expressivo é sustentado por Merleau-Ponty para buscar o sentido originário de nossa relação com o mundo pelo corpo. Corpo e mundo perceptivo nunca são isoladamente, na medida em que um não é sem o outro. Tudo o que se faz presente ao nosso olhar, como um dado percebido elementar, revela-se como um fenômeno que encontra a expressão de sua visibilidade em uma paisagem que o priva de ser uma pura aparição plena e isolada.

O espaço de paisagem não é considerado como um “lugar vazio ou uma espécie de espaço gaseiforme para alojar seres percebidos, como se fosse um horizonte amorfo capaz de comportar uma sucessão de coisas visíveis, sem fazer dele mesmo um ser visível, quer dizer, sem portar ele mesmo um poder de aparecer” (CAMINHA, 2010, p. 208). A paisagem não é um lugar onde podemos localizar coisas percebidas como seres visíveis suspensos uns acima dos outros (MALDINEY, 1993).

Merleau-Ponty considera que, nas vibrações perceptivas, que constituem as paisagens pela relação corpo-mundo, possibilitam que lugar e forma não sejam separados, pois nosso olhar, que põe em vista o aparecer do mundo percebido, nunca cessa de estar já enraizado nele. É por essa razão que o mundo está a nossa disposição antes mesmo de qualquer coisa pontualmente visível. Um jardim de flores ou uma estante que abriga uma coleção de livros não é para o nosso olhar, que pode atravessá-los pelos movimentos do corpo, um receptáculo de flores e de livros, mas um campo de tensões em que as aparências perceptivas de cada elemento tomam forma ou se configuram como manifestação perceptível em presença de outrem.

O espaço de paisagem não é um lugar inerte, que serve de domicílio fixo para um conglomerado de fragmentos percebidos reduzidos ao estado de objetos pontuais ou positivos. É do

poder do corpo de se dirigir para o mundo que se origina as paisagens perceptivas e o sentido primeiro de expressão que engloba as aparências perceptivas e a própria linguagem.

A textura do espaço de paisagem, na qual se revela a expressão daquilo que nós percebemos, não é a unidade estrutural de um sistema comprimido sobre si mesmo desprovido de profundidade. Afinal de contas, a experiência do mundo percebido, através do qual nosso campo perceptivo se constitui dinamicamente como a apreensão de paisagens, é, antes de tudo, a experiência de um horizonte aberto e inacabado, onde a configuração variável das coisas percebidas sempre precisa de outras coisas parceiras para poder se fazer presente ou ausente ao campo de nosso olhar.

O sentido originário de mundo percebido não se reduz a mundo conhecido (LORIES, 1996). Dessa maneira, o fato de que é impossível realizar a experiência de perceber sem estar já presente no mundo significa dizer que o mundo percebido não pode ser considerado como um espaço geográfico, recortado em regiões separadas por intervalos que asseguram a conexão de uma série de fatos objetivamente conhecidos. Ao contrário, o mundo é considerado como o espaço de paisagem, que nos oferece uma relação original à existência desse mundo sem que, todavia, esse último seja necessariamente segmentado em múltiplas partes privadas de um horizonte comum.

Merleau-Ponty considera que nossa percepção, enquanto movimento de se pôr a perceber do corpo, comporta sempre o mundo ele mesmo enquanto presença perceptiva, e não, o mundo como conteúdo de conhecimento. É por causa desse ponto de vista, provavelmente, que ele foi acusado de não tomar distância em relação à percepção vulgar. Seus críticos não perceberam a impossibilidade radical de um distanciamento do mundo, mesmo que seja para filosofar (MERLEAU-PONTY, 1989). Para Bréhier, Merleau-Ponty não deveria desejar retornar a uma percepção imediata, a uma percepção vivida, mas sempre tomar como ponto de partida as insuficiências dessa percepção vivida para chegar a uma concepção do mundo inteligível nos parâmetros da filosofia. Com um tom irônico, Bréhier afirma que as ideias de Merleau-Ponty deveriam ser expostas pelo romance ou pela pintura, e não, pela filosofia (CAMINHA, 2010). É óbvio que Merleau-Ponty considera que a fé perceptiva não é suficiente para a atividade do filosofar. Todavia, a interrogação filosófica tem sua origem no gesto espontâneo de se estar ligado ao mundo pela fé perceptiva, que é a crença de que há mundo por meio do poder perceptivo do corpo. Toda interrogação filosófica nasce dessa fé perceptiva.

Assim como não há separação entre as percepções e as paisagens perceptivas do mundo, também não há cisão entre a fala e o pensamento na instauração da linguagem. Reconhecer as dificuldades do exercício da razão não significa necessariamente trabalhar a favor ou contra a razão. Merleau-Ponty (1989, p. 77) diz que “procurar a expressão do imediato não é trair a razão, ao contrário, é trabalhar para sua ampliação”. A intenção do filósofo é de sempre considerar uma experiência do mundo ou uma relação com o mundo que precede todo pensamento sobre o mundo.

É pela sua intenção de compreender o sentido originário do mundo percebido que sua filosofia considera que as obras de Balzac, Proust, Valéry e Cézanne são testemunhas exemplares do esforço filosófico de examinar várias questões que dizem respeito à vida humana, segundo nossa condição existencial de já ser no mundo.

A expressividade se opera no mundo perceptivo, na linguagem e na própria filosofia. Essa expressividade revela toda força da vida enquanto viver criativo, conforme a compreensão de Winnicott (2011). O viver criativo é um modo de existir que diz respeito a tudo aquilo que realizamos para fortalecer um toque pessoal às relações de nossa integração com o mundo. Podemos encontrar esse viver criativo nos grandes escritores bem como em todo aquele que busca elaborar na sua existência uma operação expressiva por meio do viver criativo. Tanto num como no outro é possível localizarmos uma “espécie de deformação coerente que a obra impõe aos significados existentes, fazendo-o para dizer o que, de certa forma, jamais fora dito antes” (FURLAN e BOCCHI 2003, p. 449). A expressividade se manifesta como estilo de existir presentes nos artistas e em qualquer pessoa que inova a partir do mundo em que se está já situado. O mundo rotineiro e a linguagem costumeira se transformam na criação de estilos de perceber e de falar. É nesse contexto que Merleau-Ponty (1966, p. 48-49) defende que “a tarefa da literatura e a da filosofia não podem mais ser separadas”.

A compreensão do mundo enquanto expressão de paisagens não é um ordenamento de conceitos que se refere sempre à verdade de um pensamento inconteste, mas um sentido que aparece na intersecção do mundo mesmo com o corpo. Segundo Merleau-Ponty (1992, p. XV), “a filosofia não é o reflexo de uma verdade prévia, mas, como a arte, a realização de uma verdade”. Essa verdade encontra sempre nosso mundo onde já há uma Razão preexistente. Isso quer dizer que o único Logos que preexiste, para Merleau-Ponty, é o próprio mundo perceptivo.

Para descobrir uma flor escondida num jardim ou um determinado livro numa prateleira, nosso olhar precisa, de um lado, encontrar um lugar que dê acesso ao aparecer de tal espetáculo desejado, mas que, de outro, é incontestável que nenhum espetáculo não apareceria ao nosso olhar se este não estivesse já presente no mundo percebido no seio de uma paisagem. Aquele que percebe é um corpo perceptível e percipiente e não é uma consciência desencarnada que ordena uma matéria sensível da qual ela possuiria a lei ideal das formas percebidas. Logo, “a experiência perceptiva comporta, por princípio, a contradição da imanência e da transcendência. Portanto, a percepção é, ao mesmo tempo, vivida por aquele que vê e a expressão do mundo que se mostra” (CAMINHA, 2010, p. 211).

O mundo percebido é sempre primeiro e pressuposto por toda forma de racionalidade que demonstra rigor e precisão na construção de um pensamento claro e evidente. Isso não significa

destruir a racionalidade, mas reconhecer sua limitação porque ela não pode ter uma existência separada do mundo percebido. É por essa razão que, aos olhos de Merleau-Ponty, a redução fenomenológica não culmina mais na revelação de uma consciência constituinte, mas na descoberta de sua própria impossibilidade radical. Segundo ele, a experiência perceptiva nos mostra que toda forma de existência sempre é sinônimo de estar situado.

Nenhuma forma de existência pode ser independente de uma pregnância no mundo percebido. É com base nessa compreensão que consideramos que todas as coisas percebidas estão submetidas à ação de transbordamento da paisagem que anima a estruturação dinâmica de suas fisionomias ou de suas expressões.

Merleau-Ponty defende a existência de uma irredutibilidade do mundo percebido na medida em que aquele que percebe sempre vive na profundidade deste mundo. Sua filosofia procura mostrar o arranjo dinâmico da gênese do sentido do fenômeno perceptivo pelo qual o mundo se faz mundo para nós.

A dimensão irredutível do mundo só pode ser considerada com a condição de se compreender aquilo que Merleau-Ponty quer dizer quando afirma que toda forma de existência está encarnada no mundo percebido, que é a pátria ou o solo comum de toda forma de existência, definida aqui como encarnação. Logo, percepção e linguagem são encarnações das paisagens do mundo vividas e expressas pelo corpo.

Para Merleau-Ponty, toda forma percebida deriva de uma formação dinâmica, quer dizer, que toda *Gestalt* provém de uma *Gestaltung*. Seguindo os passos dessa compreensão, Percepção e linguagem são consideradas a partir da instauração do aparecer mesmo desses fenômenos nas paisagens do mundo.

Quando consideramos que, nas paisagens do mundo, há um lugar de encontros e desencontros entre os fenômenos, fundamentando a tese de que uma forma só existiria pelo entrelaçamento com outra, não queremos estabelecer uma constatação fundada em um jogo de linguagem que não pressupõe a experiência de perceber. “Isso quer dizer que chegamos à formulação de que ‘uma forma só existe pela outra’ através da experiência do próprio olhar que pode, por seus movimentos, pôr-se em relação direta com uma paisagem, e não, cumprir a exigência de uma condição de possibilidade que garante a determinação positiva daquilo que nos aparece como forma percebida” (CAMINHA, 2010, p. 212). É a própria experiência de perceber que atesta que toda existência única ou distinta não pode se libertar do horizonte da paisagem, pois tudo o que é percebido faz-se sempre em um campo perceptivo que nunca pode ser eliminado.

O corpo pode testemunhar, por ele mesmo, o movimento do tornar-se visível de uma forma percebida integrada a uma paisagem. Isso não significa que a expressividade seja considerada, aqui,

como a diversidade de interpretações em torno dos motivos que o artista quer exprimir em uma obra de arte produzida por ele, mas, totalmente pelo contrário, que a expressividade é o movimento do aparecer das formas percebidas. É por essa razão que, segundo Merleau-Ponty (1992, p. 372), Cézanne somente começou a pintar a expressão no momento em que “ele aprendeu pouco a pouco que a expressão é a linguagem da coisa mesma e nasce de sua configuração”. A experiência perceptiva nos adere a uma ordem do mundo mais antiga de que a linguagem. Todavia, a linguagem, por ser uma expressão da vida perceptiva do corpo, recebe, se apoia, se hospeda e metamorfoseia essa ordem por meio da arte de criar novos sentidos para a existência. As paisagens do mundo perceptivo possibilitam uma operação de sentido comum à linguagem e à percepção. Isso não quer dizer que o filósofo deve submeter ao pensamento a fala silenciosa da obra de arte, mas, fundamentalmente, prolongar o silêncio no seio de sua própria fala. Nós procuramos interrogar não aquilo que os artistas exprimem quando formulam opiniões sobre o mundo percebido, mas sua própria visão fazendo-se gesto sobre as obras de arte, o que permite restaurar o solo perceptivo originário.

Não é apenas o corpo que é a fonte de expressividade, mas toda forma de aparência perceptiva que brota do mundo enquanto espetáculos de paisagens, revelando aparecimentos inesgotáveis. Isso é possível porque corpo e mundo formam um entrelaçamento que constitui um nó de significações vivas que é responsável pela formação do quiasma entre percepção e linguagem.

Referências:

CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. **O distante-próximo e o próximo-distante: corpo e percepção da Filosofia de Merleau-Ponty**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

FONTAINE-DE VISSCHER, Lucie. **Phénomène ou structure? Essai sur le langage chez Merleau-Ponty**. Bruxelles: Facultés Universitaires Saint-Louis, 1974.

FURLAN, Reinaldo e BOCCHI, Josiane Cristina. **Percepção linguagem em Maurice Merleau-Ponty – o corpo como expressão e linguagem em Merleau-Ponty**. Estudo de Psicologia, v. 8, n. 3, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto. 2003.

KONO, Tetsuya. **Le langage et le schéma corporel chez Merleau-Ponty**. In: Études Phénoménologiques. T. VII, n. 16, 1992.

MALDINEY, Henri. **L’art, l’éclair de l’être**. Seyssel: Éditions Camp’Act, 1993.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Le primat de la perception et ses conséquences philosophiques**. Grenoble: Cynara, 1989.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard, 1992.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Le visible et l'invisible**. Paris: Gallimard, 1991.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Sens et non-sens**. Paris: Nagel, 1966.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signes**. Paris: Gallimard, 1993.

LORIES, Danielle. **L'art à l'épreuve du concept**. Collection le point philosophique, Bruxelles: De Boeck Universitaire, 1996.

RICHIR, Marc. **Merleau-Ponty. Un tout nouveau rapport à la psychanalyse**. In: Les Cahiers de Philosophie. n. 7, 1989a.

RICHIR, Marc. **Le temps. Porte-à-faux originaire**. In: L'expérience du temps: mélanges offerts à Jean Paumen. Bruxelles: Ousia, 1989b.

WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins fontes, 2011.